

**Mitopoéticas orais: sopros “anônimos” de vida literária**

---

**letrônica**

---

Hiran de Moura Possas<sup>1</sup>

Para combater o desperdício da experiência social, não basta propor um outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade. Sem uma crítica do modelo de racionalidade ocidental dominante pelo menos durante duzentos anos, todas as propostas apresentadas pela nova análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderão a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito.

Boaventura de Sousa Santos<sup>2</sup>

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a pesquisa “O Imaginário no discurso dos contadores de “causos” e assombrações da ilha de João Pilatos, Ananindeua/PA”. Os moradores do lugar são intérpretes de um discurso culturalmente híbrido reatualizando e ritualizando mitos, nos contando algo que não era, começou a ser, e continuará sendo, mesmo ainda enfrentando, por parte de alguns estudos pautados em “racionalidades” científicas discutíveis, visões depreciativas associadas à fantasia e à mentira.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia. Atua como bolsista mestrando no projeto de pesquisa “Ecos Nordestinos nos Cantares Populares da Amazônia Paraense”. UNAMA (Universidade da Amazônia) /PA. Além de professor nas redes municipal (Ananindeua) e estadual de ensino

<sup>2</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências**. Revista de Ciências Sociais, 63, outubro 2002, p. 237-280.

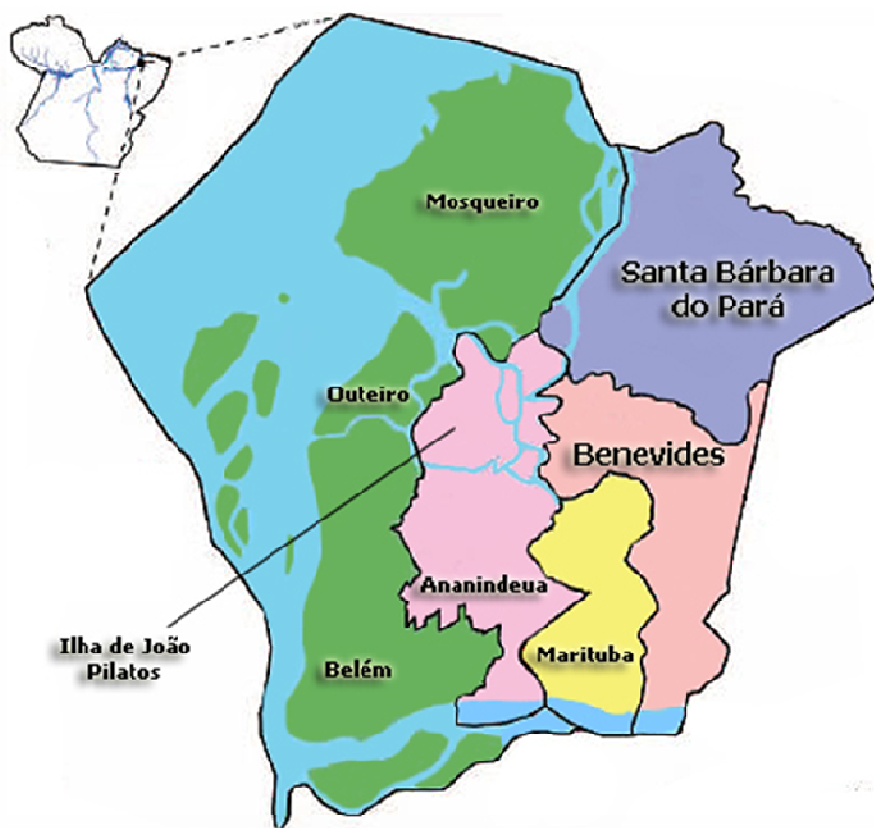


Figura 1. Mapa da região metropolitana de Belém (Pará)

Essa eu vi! Ela pode ser qualquer vizinho teu. Ela vem a noite, começa a assombrar e pede fumo. De manhã na forma de gente, minha vizinha veio buscar o fumo. Minha mulher ficou apavorada e eu fiquei conversando com ela. Outro dia, eu vinha na minha rapeta. [assim o narrador se refere ao seu barco], uma me seguiu. Foi um ruído horrível aqui no meu terreno e o pior é que não tinha fumo 'pra' dar [...] <sup>3</sup> (grifo nosso)

Dentre os diversos modos de interculturalidade, o referido discurso nos mostra que cultura local não é mais sinônimo de tradição e de estabilidade, minando assim, qualquer tentativa de entendê-la sob formas binárias de se pensarem as diferenças.

A fala destes narradores – verdadeiros líderes políticos e espirituais, todos com mais de setenta anos – alivia a dureza do dia a dia de seus ouvintes, relatando experiências míticas, onde plantas, animais, seres sobrenaturais e objetos são sacralizados, seja pela lembrança, pelo esquecimento ou por uma certa “mentira”, espécie de modelagem do social utilizada por esses guias de conduta.

<sup>3</sup> FARIAS, Antonio: 12 de abril de 2008. Ananindeua. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.



**Figura 2. Porto da ilha de João Pilatos (Comunidade do Igarapé Grande)**

Nas narrativas, seus intérpretes protagonizam heroicamente as revelações. Nas experiências de seus corpos, sejam elas psíquicas ou sociais, há o registro de proezas, dentre as quais a de sobreviver às forças espirituais do mato. O prêmio conquistado seria usufruir de uma vida mais rica e madura, “renunciando” aos interesses pessoais em “benefício” da vida alheia.

Tais mitopoéticas, segundo Zumthor (2000), denotam um jogo de aproximação, de abordagem, apelo, de pedido e provocação do outro, o que Jakobson (2005) denomina de função **fática** da linguagem.

A sinergia estabelecida reflete a harmonia de uma concordância entre a intenção formalizadora da fala e uma outra intenção menos clara, difusa na existência social do grupo ouvinte. Performances e sentidos são cronometricamente imprevisíveis, a tal ponto que jamais serão duas vezes o mesmo: “[...] sua superfície é comparável à de um lago sob o vento [...]” (ZUMTHOR, 1997a).

Entre lágrimas, gestos e silêncios, na coleta da madeira para a produção do carvão, uma das principais atividades econômicas da ilha, lenhadores são mundiados e molestados sexualmente pelos curupiras, seres que outrora eram vistos apenas como protetores da natureza.

Eu já fui mundiado<sup>4</sup> pelo curupira. Eu passei mal, não queria comer [...] eu caçava muito e a carne sobrava e dava pra todo mundo. Eu 'tava' caçando, aí subi na árvore pra ver melhor a caça e deixei lá em baixo a espingarda e o terçado. Foi meu mal [**o narrador deixa derramar lágrimas**]. Ele veio, era baixinho, cabeludo e o corpo era cheio de bolhas, me olhou. As minhas carnes 'tremia'. Ele teve pena de mim. Eu custei 'pra' ficar normal. Nunca mais eu cacei. Eu fui benzido. O pajé de remanso disse: - Não encara mais ele [...] Um colega meu foi malinado pelo curupira. Fez saliência com ele. Atacou ele na casa dele. Ele ficou todo arranhado e as paredes também. Ele mundiou e depois morreu [**o narrador chora neste momento**]. Eu dou graças a Deus 'tá' vivo.<sup>5</sup> (grifo nosso)

Cruzando olhares com “os”<sup>6</sup> iaras, pescadores, não só podem experimentar a morte, como também tornam-se intérpretes de um discurso do imaginário histórico-social brasileiro: a segregação racial. Ou ainda o referido discurso lembra que o elemento negro remete a um estado primeiro da humanidade, com a predominância de variáveis comportamentais contrárias: a selvageria X a dedicação, a impulsividade assassina X a bondade, em ambiência de muita tensão.

[...] Ah! 'o' iara 'é' de dois tipos que 'aparecem' por aqui nos rios. Meu sobrinho viu duas lá na beira do rio. Ele ficou apavorado. 'Era' duas brancas. A branca não faz mal. A que faz mal é a preta [...] Ah! Essa mata. Ela fica próxima do mangues e não deixa a gente levar caranguejo pequeno [...] <sup>7</sup>

Cotidianamente, o modo de ser destes moradores ribeirinhos se reelabora, e suas marcas identitárias se dissolvem numa comunidade imaginada pelo discurso de seus intérpretes heróis. Figuras fora do comum que, mesmo não sendo sempre vencedoras no caminho das provas, suscitam admiração, pois se tornam uma espécie de superego comunitário.

Ao compartilharem destes discursos - verdadeiros mapas interiores de experiências híbridas e inacabadas – os ouvintes parecem estabelecer naturalmente uma sinergia com os narradores. A comunicação oral aí estabelecida merece análise, no sentido de que, segundo Paul Zumthor (1997a), refinamos tanto nossa sensibilidade estética, que acabamos por recusar espontaneamente a imediatez do aparelho vocal fabricante de um discurso que não aparenta ter uma intenção prévia, mas a superação das limitações impostas pela palavra, através de

<sup>4</sup> Causar torpor a; encantar, magnetizar

<sup>5</sup> SILVA, Otacílio. Ananindeua: 12 de abril de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

<sup>6</sup> Os narradores usam no masculino referindo-se a monstros.

<sup>7</sup> FARIAS, Antonio: 12 de abril de 2008. Ananindeua. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

performances, que alimentam um verdadeiro manancial Amazônico de narrativas repletas de encantamento e vida.

A reorganização mundializada das sociedades, segundo Canclini (2003), é um processo irreversível em que há poucas chances de se traduzir uma identidade pautada em épocas passadas ou desconectadas do global, reconfigurando-se, assim, a paisagem mundial

Perceber os sujeitos de comunidades periféricas como pessoas fronteiriças, onde o local se move com e como a globalização, é um exercício que desmistifica o olhar exótico que costumam receber daqueles que consideram as mitopoéticas simples alegorias da natureza e personificação de fenômenos.

As teorias da mestiçagem reforçam a ideia de que os olhares científicos e míticos convivem numa relação de complementaridade, não havendo espaço para os rigores dos procedimentos científicos. Há, como bem diz Campebl (1990), imposições frustradas de se realizar uma faxina na crença ou uma limpeza da terra de todo o mistério. Existe, segundo o pesquisador americano “... uma relação orgânica entre a terra e as estruturas que as pessoas constroem sobre ela...”.

Os rigores científicos, principalmente os filiados à racionalidade ocidental, quando dão visibilidade às comunidades “periféricas”, os situam na dicotomia maniqueísta: oprimido x opressor, o que Canclini (2003) classifica como uma visão reducionista, já que nem sempre os grupos hegemônicos se dedicam exclusivamente à dominação e à destruição, nem tão pouco os oprimidos se restringem à resistência e ao enfrentamento.

O desperdício gigantesco de experiências sociais, principalmente dos que vivem uma condição de invisibilidade social, segundo Santos (2002), é prática comum do conhecimento hegemônico filosófico e científico ocidental. Amparados numa racionalidade indolente, arrogante e metonímica, reduz-se a multiplicidade mundana a uma versão abreviada, parcial e seletiva. Quando o ribeirinho conta sua história na tentativa de entrar em acordo com o mundo ou de harmonizar sua vida com a realidade, é comparável no prisma indolente, ao mesmo olhar que vê uma pessoa cultivar a terra com uma enxada não conseguindo ver nela senão o camponês pré-moderno.

Uma das formas de diálogo com o mundo que o morador da ilha de João Pilatos experimenta é através dos meios de comunicação. A proximidade da ilha com os bairros urbanos

de Ananindeua<sup>8</sup>, contribui para que celulares, televisão e internet façam parte de suas vidas. Barbero (2000) inclusive nos fala do paradoxo residente na presença dos meios. Eles são um terreno estratégico de dominação e de emancipação. Podem instituir clientes imaginados, como também sujeitos identitários, que exercitam atos de resistência. A oralidade midiaticizada mecanicamente, apesar de certa perda de espontaneidade, permite que a memória coletiva seja diferida, adiada, prolongada, repetida no tempo e no espaço.

O mesmo pesquisador não acredita na força dos meios para a mudança de juízos e de costumes, nem tão pouco no mero caráter de simples transmissão de informações, mas sim acredita que a mídia é fruto de um amadurecimento cultural.

Entre estímulos e respostas, Barbero (2000) traz a tona o conceito de mediação cultural. Espaços intermediários permissíveis a releitura de crenças, costumes, sonhos e medos.

Neste contexto onde as cisões espaço-temporais são inevitáveis, a cultura, segundo Canclini (2002), se redefine. Um curupira estuprador pode ser uma miragem fruto de um conjunto de estigmas oferecidos por seus narradores aos olhos do outro.

A mitopoética reatualizada acima é um exemplo de que a globalização, apesar de mais imaginada para os mercados do que para os homens, também pode fortalecer produções endógenas inseridas em contextos onde convivem muitos modos de vida.

Esta convivência está longe de ser uma melodia harmônica, ao contrário, é um coral polifônico em que todas as vozes querem ser a mais forte (WALZER apud CANCLINI, 2003).

Uma das vozes deste coral polifônico é a das artes. O artista imagina a globalização e se imagina nela, por meio de movimentos artísticos transgressores que traduzem sua visão de pós-modernidade. Zumthor (1997a) inclusive fala sobre a questão, nos dizendo que refinamos tanto nossa sensibilidade estética tentando acompanhar as vanguardas, que acabamos por recusar a voz ou a oralidade existente na poesia, na pintura, nas técnicas plásticas e na arquitetura.

Livrando-a de visões grafocêntricas, a voz não se subordina à soberania da escrita. Zumthor (1997b) vê a oralidade se tecendo nas relações humanas contemporâneas, ressurgindo depois de séculos de repressão do curso hegemônico da escrita.

A literatura oral, expressão criada por Sébillot(1983), é uma resposta à miopia literária e cultural que tentou camuflá-la ou reduzi-la ao folclore ou ao popular. Poesia oral é outra coisa, tem uma acepção mais larga nas perspectivas sociológicas, antropológicas e literárias, pois tão

---

<sup>8</sup> Cidade localizada na região metropolitana de Belém-Pará

fortemente social quanto individual, a voz mostra de que forma o homem se situa no mundo em relação ao outro e, como é capaz, seja através de mitopoéticas narradas ou através de cordéis, de reatualizar os paradigmas literários, apresentando uma convencionalidade particular, híbrida e permeável, revelada numa poética comparável à secreção do corpo humano.

Na verdade, a função desta arte não é nada modesta: não é decorativa, e sua primariedade deve ser entendida como primeira, vivendo, mergulhando e norteando sua vida nas repetições cíclicas dos fenômenos.

Quanto à resistência dos cânones literários, portadores de um discurso que não legitima nem reconhece a poética oral, muitas vezes concebendo-a como incultura, percebo esta atitude fortalecendo uma **prática social libertadora**<sup>9</sup>.

Desmistificando a questão, este processo de miopia cultural pode ser superado a partir do momento em que se compreenda que a literatura oral nos convida a um trabalho multidisciplinar, dialogando especialmente com as contribuições antropologias e sociológicas. Em especial as de Edgar Morin (1991), um dos teóricos defensores da Teoria da Complexidade<sup>10</sup>.

Ao longo deste convívio com os moradores da referida ilha contabilizei a existência de cinco narradores, sendo quatro homens e uma mulher. Todos têm mais de setenta anos e são intérpretes que podem ser investigados sob a proposta de estudo das teorias dos arquétipos: temáticas de origem desconhecida, que se reatualizam em qualquer época ou lugar. (JUNG apud CASTRO, 2001). As entrevistas se desenrolaram articulando a memória e experiência pessoal, demonstrando-se que o ato de lembrar constrói a memória da experiência e esta, por sua vez, é coletiva. As representações sociais dos depoentes revelam o cotidiano de sujeitos históricos, inseridos em tempos e espaços específicos que estabelecem trocas de diferentes ordens. O material coletado, até o momento em campo, é composto de lembranças pessoais ou mesmo de silêncios inexplicáveis. O ecletismo dos temas abordados e a facilidade com a qual o locutor passa de uma história para outra, revela línguas que se soltam, delineando-se uma visão singular do mundo.

O método estruturalista aparece para mim como sendo o instrumento mais adequado para encontrar as plurisignificações ocultas nas palavras transmitidas de geração em geração, organizadas em narrativas míticas sempre reatualizadas. Esses conjuntos de enunciados não são

---

<sup>9</sup> Tomo emprestado uma expressão incansavelmente usado por Paulo Freire.

<sup>10</sup> Vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem multidisciplinar e multireferencial para a construção do conhecimento.

documentos propriamente ditos, por não serem o retrato fiel dos acontecimentos, porém versam sobre o passado de populações pouco estudadas pela antropologia brasileira, como é o caso das comunidades ribeirinhas amazônicas.

A análise dos textos revelam “pedaços de mitos”, nos permitindo visualizar como os atores reelaboram a sua história e sua identidade. Do mesmo modo, observa-se como é possível chegar a uma representação bastante uniforme e original do passado, bem como perceber categorias nativas que ordenam o mundo social e natural. Uma reflexão sobre o estatuto do texto oral não pode fazer a economia de uma análise da encenação do passado e da definição de uma identidade nativa cujos elementos, mesmo quando transformados ou invertidos, aparecem de maneira recorrente nas versões locais da história.

A partir dos resultados de pesquisas realizadas anteriormente, sobretudo das reflexões ligadas à investigação da memória e da oralidade dos moradores amazônicas, percebe-se que reatualizar é um exercício que dá vida a uma nova realidade para se constituir em tradição: novos personagens e novas situações encontram-se revestidos com as velhas estruturas narrativas. Um estudo deste tipo permite também colher o discurso sobre as representações do espaço e a percepção do mundo.

Se pensarmos no que há por descobrir sobre esta questão, cujo estudo significa desde logo abdicar parcialmente dos paradigmas grafocêntricos literários, mais perto estaremos da sua relevância e compreensão.

## Referências

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

BARBERO, Jesús Martín. *Comunicação e mediações culturais*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 23, n. 01, p. 151-163, jan./junho. 2000. Entrevista concedida à Cláudia Barcelos.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, mágica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4ªed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1989.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.2, p.256, dezembro 2009.



CANCLINI, Nestor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 08, n. 01, p. 40-53. 2002.

CASTRO, José Guilherme de Oliveira. *A viagem mítica de Miguel dos Santos Prazeres*. Belém: UNAMA, 2001.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

ELIADE, Mircea. *O Mito e a Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FARIAS, Antonio. Ananindeua: 12 de abril de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Guaciara Lopes Louro. 7.ed. RJ DP&A, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 2005.

MENDES, Gisele Alves: Ananindeua – Dos trilhos ao asfalto : Ananindeua, Pará: Editoração Darcy Acácio Mendes, 2003.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

POSSAS, Hiran de Moura. Ilha de João Pilatos. 2009. 1 fotografia.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências*. Revista de Ciências Sociais, 63, outubro 2002, p. 237-280.

SÉBILLOT, Paul. *Introduction à la Poésie Orale*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

SILVA, Otacílio. Ananindeua: 12 de abril de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2007, Salvador. Resumos do III ENECCULT. Salvador: Universidade Federal da Bahia. 2007.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec. EDUC, 1997a.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997b.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: Hucitec/Educ, 2000.

Recebido em: 09/08/2009

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.2, p.257, dezembro 2009.

Possas, Hiran de M.

Aceito em: 14/ 09/ 2009  
Contato: hiranpp@hotmail.com

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.2, p.258, dezembro 2009.